



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GABRIELA BARBEITOS RIBEIRO CARVALHO DE MENDONÇA

**O PAPEL MEDIADOR DA ORIENTAÇÃO À DOMINÂNCIA SOCIAL NA RELAÇÃO
ENTRE IDENTIDADE POLÍTICA E SEXISMO**

BRASÍLIA

2023



GABRIELA BARBEITOS RIBEIRO CARVALHO DE MENDONÇA

**O PAPEL MEDIADOR DA ORIENTAÇÃO À DOMINÂNCIA SOCIAL NA RELAÇÃO
ENTRE IDENTIDADE POLÍTICA E SEXISMO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Dr. João Gabriel Nunes Modesto

BRASÍLIA

2023

AGRADECIMENTOS

Ao entrar na graduação de psicologia, eu já tinha o desejo de realizar uma pesquisa científica. Assim, finalizar essa Iniciação Científica é uma grande conquista para mim. Porém, essa conquista não foi possível sem o carinho, paciência e dedicação de outras pessoas.

Agradeço a minha mãe Jandira Barbeitos, que esteve sempre presente na minha graduação, apoiando todos os meus sonhos. Esta pesquisa só foi possível pela dedicação da minha mãe com a minha formação em psicologia. Mãe, sou infinitamente grata por tudo. Agradeço ao meu pai André e ao meu padrasto Gustavo. Duas figuras importantes na minha vida que me amam incondicionalmente. Agradeço também meus irmãos, Manuela e André, meus amores e fontes de orgulho para mim. Sou grata a minha madrasta Rita Medeiros que continua me surpreendendo e demonstrando seu amor por mim.

Sou grata também aos meus amigos. Fernanda, minha maior apoiadora e eterna melhor amiga. Pedro Henrique, meu companheiro de sonhos, que mesmo distante, sempre demonstra seu carinho e amor por mim. Agradeço as minhas primas, Fernanda e Ana, que foram responsáveis por quem sou hoje. Obrigada por todo o carinho e apoio!

Não poderia deixar de agradecer meu orientador e mestre na psicologia João Modesto. Além de me proporcionar inspiração para conduzir esta pesquisa, João foi essencial na minha caminhada em psicologia. Muito obrigada pela paciência e dedicação comigo e com este trabalho.

Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.

Audre Lorde

RESUMO

O preconceito é um objeto de estudo tradicional da psicologia social que permanece relevante. Nessa perspectiva, o preconceito é um fenômeno social complexo, que assume diversas formas e manifestações. Considerando estudos acerca do preconceito, o presente estudo objetivou analisar o papel mediador da orientação à dominância social na relação entre identidade política e sexismo ambivalente. O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa quantitativa, descritiva e correlacional. A amostra foi composta por 152 pessoas que responderam um questionário com a Escala de Orientação à Dominância Social, o Inventário de Sexismo Ambivalente e questões referentes à identidade política, idade, gênero, nível de escolaridade e renda. Com o intuito de verificar a relação entre identidade política, orientação à dominância social e sexismo ambivalente, foi conduzido um teste de correlação de Pearson. Em seguida, testou-se a hipótese de que a SDO pode mediar a relação entre a identidade política e o sexismo por meio de duas análises de mediação diferentes envolvendo o sexismo benevolente e o hostil. A análise dos resultados confirmou relações positivas entre identidade política, orientação à dominância social e sexismo ambivalente e demonstrou a SDO como mediadora entre identidade política e ambas as formas de sexismo. Os resultados obtidos expressam que a tendência a apoiar hierarquias sociais indica maior alinhamento com políticas de direita e com o endosso de atitudes sexistas. Assim, indivíduos com ideias mais conservadoras e alinhados à direita tendem a promover hierarquias sociais, e atitudes sexistas que deslegitimam as mulheres e as colocam em posição de inferioridade em relação aos homens.

Palavras-chave: Sexismo Ambivalente; Orientação à Dominância Social; Identidade Política.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de mediação da identidade política, orientação à dominância social (SDO) e sexismo	10
Tabela 1 - Coeficiente de Correlação e Nível de Significância entre Identidade Política, Orientação à Dominância Social, Sexismo Benevolente e Sexismo Hostil	17
Tabela 2 - Modelo de mediação para sexismo benevolente	18
Tabela 3 - Modelo de mediação para sexismo hostil	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
MÉTODO	14
PARTICIPANTES	15
INSTRUMENTOS	15
PROCEDIMENTOS	16
RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)	20
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

Preconceito é um tema que, embora seja tradicionalmente abordado pela psicologia social, mantém-se continuamente relevante. Considerando o contexto histórico, práticas preconceituosas marcaram o Brasil durante séculos, o que resultou em uma sociedade hierarquizada, em que diferentes segmentos não têm acesso a direitos e sofrem de exclusão social (Bandeira & Batista, 2002). Para isso, o presente trabalho tem como objetivo compreender a relação entre orientação à dominância social, sexismo ambivalente e identidade política, pois se entende que tais variáveis se correlacionam com práticas preconceituosas.

O preconceito é um fenômeno social complexo, que assume diversas formas e manifestações que permeiam as interações humanas e reforçam desigualdades em diversas esferas da sociedade. Uma dessas formas de discriminação é o sexismo, que se caracteriza por crenças, estereótipos e atitudes discriminatórias baseadas no gênero. O sexismo é, portanto, uma expressão de preconceito contra as mulheres.

Tal forma de preconceito é contemplada por Glick e Fiske (1996) na teoria do sexismo ambivalente. Assim, segundo os autores, a ambivalência do sexismo diz respeito à existência de duas dimensões relacionadas ao preconceito contra as mulheres: o sexismo hostil e o sexismo ambivalente (Belo et al., 2005). O sexismo hostil representa uma atitude negativa em relação às mulheres, que são percebidas como desafiadoras do poder e posição social dos homens. Em contrapartida, o sexismo benevolente é uma atitude subjetivamente positiva, que concebe as mulheres como seres puros e fracos, que devem ser amados e protegidos pelos homens (Glick & Fiske, 1996).

Por sua vez, a identidade política tem um papel significativo ao influenciar a percepção e o tratamento de questões relacionadas ao sexismo. Nesse sentido, a identidade política é vista como um elemento fundamental na formação da identidade social de um indivíduo, sendo impactada por valores, ideologias e afiliações partidárias. Um estudo de Koenig e Eagly (2014) revelou que identificações políticas podem afetar atitudes em relação à igualdade de gênero, com algumas filiações políticas sendo mais propensas a apoiar medidas igualitárias do que outras.

Assim, este trabalho analisou as relações entre identidade política e sexismo

ambivalente e, nesse contexto, a orientação à dominância social surge como um possível mediador dessas relações. Segundo Sidanius e Pratto (1999), a Teoria da Dominância Social analisa as relações de poder e os sistemas de desigualdade social. Essa perspectiva se baseia no conceito de que as sociedades humanas possuem a tendência de se organizar e se estruturar em sistemas de grupos baseados em hierarquias sociais. Para isso, um número pequeno de grupos dominantes se encontram no topo da pirâmide social, e a maioria dos grupos, os subordinados, estão na parte inferior. Esse sistema de hierarquias são estáveis e difíceis de serem modificados.

Nesse sentido, a Teoria da Dominância Social possui uma dimensão individual, a orientação à dominância social (SDO). Por sua vez, a SDO refere-se à predisposição individual em aceitar e apoiar a hierarquização social, bem como em manter a desigualdade entre grupos (Vilanova et al., 2022). Sujeitos que expressam níveis altos de SDO têm a tendência a valorizar manutenção de estruturas de poder assimétricas, e a justificar desigualdades sociais, mesmo que isso signifique subordinar ou marginalizar determinados grupos.

Feitas essas considerações, o presente estudo objetivou compreender a relação entre SDO, identidade política e sexismo ambivalente. De maneira específica, propusemos um modelo de mediação, em que a SDO mediará a relação entre identidade política e sexismo ambivalente.

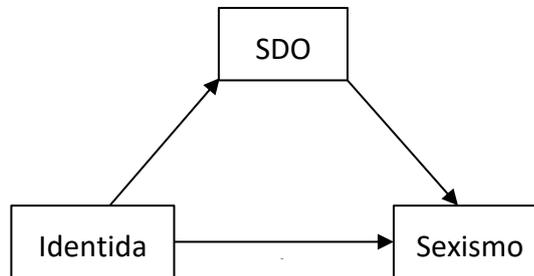
Ressalta-se que um modelo de mediação é uma forma de teste estatístico que analisa se a inserção de uma variável mediadora M (i.e. dominância social), em um modelo de regressão linear, explica melhor a relação entre uma variável preditora X (i.e. identidade política) e Y (i.e. sexismo), do que quando testado o efeito direto entre as variáveis X e Y.

Para isso, objetivou-se identificar os índices de sexismo ambivalente (i.e. hostil e benevolente). Identificar os índices de orientação à dominância social e a posição política dos participantes. E por fim, testar as relações entre identidade política, orientação à dominância social e sexismo ambivalente.

O propósito deste estudo, portanto, foi de expandir os resultados de pesquisa já existentes que relacionam a SDO e o sexismo ambivalente (Sidanius et al., 1997; Christopher & Wojda, 2008; Malatyali et al., 2017; Rollero et al., 2019), ao acrescentar a identidade política como variável e propor um modelo de mediação. O modelo de mediação é apresentado na

Figura 1.

Figura 1 - Modelo de mediação da identidade política, orientação à dominância social (SDO) e sexismo



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em “A natureza do preconceito”, Gordon Allport (1954) estabeleceu a perspectiva clássica para os estudos acerca da discriminação, ao definir preconceito como hostilidade dirigida a membros de determinados grupos sociais, simplesmente por pertencerem a um grupo desvalorizado socialmente.

Assim, o preconceito constitui-se como um reproduzidor de discriminação e exclusão social e, conseqüentemente, da violência (Allport, 1954). De acordo com Bandeira e Batista (2002), o preconceito implica a negação do diferente e a afirmação da própria identidade como superior. Nesse contexto, “a violência pode se tornar uma ferramenta utilizada por uma pessoa para manter ou garantir a sua superioridade sobre outro ser” (Farias et al., 2021, p.23). Em uma relação de poder, a violência torna-se um mecanismo de opressão que trabalha a favor do preconceito.

A partir dessa perspectiva, Ferreira (2004) afirma que o preconceito se revela pelas mais diversas expressões e conceitua um tipo específico de discriminação contra as mulheres, o sexismo, como atitudes negativas e ações discriminatórias dirigidas às mulheres.

No entanto, desenvolvimentos teóricos recentes têm apontado que o construto sexismo vai além da definição tradicional de Allport de preconceito como atitude hostil direcionada a membros de certos grupos sociais, por não ser uniformemente negativo (Formiga, 2002; Ferreira, 2004; Mesquita Filho et al., 2011).

Contribuindo para essa discussão, Glick e Fiske (1996) destacam novas expressões do

sexismo e as denominam como ambivalentes por não serem tão diretas ou violentas como as definições mais tradicionais de discriminação. Considerando, então, as manifestações tanto tradicionais quanto modernas do sexismo, Glick e Fiske criaram a Teoria do Sexismo Ambivalente para representar como o preconceito contra a mulher se manifesta a partir de duas dimensões: o hostil e o benevolente (Glick & Fiske, 1996; Glick & Fiske, 2011).

No que se refere ao sexismo hostil, esse é expresso como uma grande antipatia contra a mulher e por isso aproxima-se da definição clássica do preconceito (Allport, 1954). Assim, Glick e Fiske (1996) defendem o argumento de que a dominação masculina, característica da ideologia patriarcal, constitui a base do sexismo moderno dirigido às mulheres que desafiam o poder masculino e questionam a suposta inferioridade feminina. Adicionalmente, Mesquita Filho et al. (2011) definem o sexismo hostil como crenças e práticas de pessoas que consideram as mulheres como inferiores aos homens e refletem intolerância em relação às mulheres que ocupam espaços de poder e criticam a superioridade masculina. O sexismo hostil seria, então, a manifestação mais flagrante e violenta do preconceito em relação às mulheres (Mesquita Filho et al., 2011).

Em contrapartida, o sexismo benevolente diz respeito a sentimentos e condutas que evidenciam as supostas funções, tanto biológicas quanto sociais, das mulheres de cuidar do lar e da prole. Desse modo, essa forma de preconceito caracteriza as mulheres como criaturas puras e dóceis que devem ser protegidas e adoradas, e cujo amor é necessário para tornar um homem completo (Glick & Fiske, 2001).

Dessarte, Ferreira (2004) ressalta que, embora o sexismo hostil expresse uma forma mais direta e agressiva de expressão desse preconceito, o sexismo benevolente, mesmo manifestando-se por meio de atitudes de proteção e afeto dirigidas às mulheres, é apenas superficialmente positivo, pois ele se encontra sustentado pela mesma ideologia subjacente ao sexismo hostil, isto é, as mulheres pertencem ao grupo mais fraco e inferior, e por isso devem ser cuidadas e protegidas.

Apesar da maior aceitação social do sexismo benevolente, estudos sugerem que ambas as formas de sexismo são responsáveis por atos discriminatórios que justificam e mantêm as desigualdades entre homens e mulheres (Glick & Fiske, 2001; Ferreira, 2004; Formiga et al., 2002; Mesquita Filho et al., 2011). Nesse sentido, estudos apontam que o

sexismo hostil se relaciona positivamente com a tendência dos homens de cometer violência (Garaigordobil & Aliri, 2011; Rollero et al., 2019). Farias et al. (2021), por exemplo, destacam o preconceito (incluindo o sexismo) como uma das principais causas de violência contra a mulher. A violência, então, torna-se um instrumento social fundamental para a manutenção da subordinação das mulheres em relação aos homens, e é influenciada por atitudes sexistas.

Da perspectiva da teoria de Glick e Fiske (1996), o sexismo, enquanto expressão do preconceito, pressupõe uma hierarquização entre os gêneros masculino e feminino que estabelece relações de poder desiguais. Nesse sentido, formas de conflitos intergrupais e de discriminação, tais como o próprio sexismo, também podem ser entendidas como consequências da tendência humana de formas hierarquias sociais baseadas em grupos (Sidanius & Pratto, 1999).

Como compreendido por Rollero et al., (2019), a Teoria do Sexismo Ambivalente, enquanto instrumento de análise das relações de poder e desigualdade, compartilha fundamentos conceituais com a Teoria da Dominância Social (Sidanius & Pratto, 1999). Desenvolvida com o intuito de analisar e explicar os sistemas de desigualdade social, a Teoria da Dominância Social pressupõe que todas as sociedades tendem a se estruturar como sistemas de grupos baseados em hierarquias, em que um grupo dominante e hegemônico se estabelece no topo da pirâmide social e os grupos subordinados na parte inferior (Fernandes et al., 2007).

Considerando tais grupos sociais, como postulado pela Teoria do Sexismo Ambivalente, gênero pode ser considerado um fator de distinção de grupo, ou seja, homens se colocam como grupo dominante, enquanto as mulheres caem em posições de inferioridade (Rollero et al., 2019). Na perspectiva da Teoria da Dominância Social, tanto o sexismo benevolente quanto o hostil atuam legitimando crenças que justificam e mantêm a desigualdade entre homens e mulheres (Sidanius et al., 1994). Desse modo, o sexismo pode ser visto como aspecto legitimador da Teoria da Dominância Social, porque afirma uma relação hierárquica entre gêneros (Sidanius et al., 1994).

Ademais, segundo Sidanius e Pratto (1999), a Teoria da Dominância Social, além de analisar aspectos históricos e contextuais, considera uma dimensão intraindividual para o estudo das relações hierárquicas de poder. Tal dimensão individual, denominada orientação

à dominância social (SDO), é definida como a inclinação a apoiar o estabelecimento e manutenção de relações hierarquizadas na sociedade, contribuindo para a continuidade da superioridade econômica e social dos grupos dominantes (Vilanova et al., 2022). Para isso, a “SDO reflete a oposição à igualdade entre grupos através de crenças, políticas sociais e afinidade por ideologias que mantenham a desigualdade” (Wachelke & Matos, 2018, p.3). Indivíduos com maiores níveis de SDO preferem que as relações sociais sejam desiguais e, por conseguinte, tendem a apoiar ideologias que promovem a superioridade de um grupo sobre outro e que legitimam formas de discriminação (Sidanius & Pratto, 1999). Nessa perspectiva, SDO é tido como preditor importante do preconceito, pois se relaciona com atitudes e comportamentos que promovem a desigualdade nas relações intergrupais (Sidanius et al., 1994; Wachelke & Matos, 2018).

No que diz respeito à SDO, tal dimensão individual ainda relaciona-se com padrões de violência. Segundo Pratto et al. (2006), a violência é frequentemente utilizada para manter hierarquias sociais. Assim, considerando que a SDO indica o grau em que um indivíduo opõe-se a relações hegemônicas entre grupos, altos níveis de SDO expressam o endosso a práticas violentas que favorecem relações de hierarquia entre grupos dominantes e subordinados.

Tendo em vista as relações entre a Teoria do Sexismo Ambivalente e a Teoria da Dominância Social, estudos apontam que a orientação à dominância social prediz ambas as formas de sexismo, uma vez que o sexismo hostil atua na dominação masculina sobre as mulheres e o sexismo benevolente expressa o papel de subordinação da mulher (Christopher & Wojda, 2008; Malatyali et al., 2017; Rollero et al., 2019).

É importante ressaltar que a autocategorização na direita política é um fator usado para prever o nível de SDO (Sidanius & Pratto, 1999; Ho et al., 2015; Vilanova et al., 2022). Assim, a autocategorização na direita política tende a estar associada a opiniões favoráveis à manutenção das hierarquias sociais. Em consequência, indivíduos mais alinhados à direita geralmente defendem que as desigualdades sociais são inerentes à condição humana (Jost et al., 2003; Sirbu, 2017; Vilanova et al., 2022).

Em referência à identidade política, Camino et al. (2001) afirmam que a visão que um indivíduo tem da sociedade relaciona-se com seu posicionamento político. Nesse sentido, ao votar, por exemplo, o eleitor expressa uma identidade política ao acatar os valores e

ideologias de certo partido ou espectro político. Wachelke e Hammes (2009) apontam que pessoas alinhadas à esquerda política possuem uma concepção de sociedade que critica as desigualdades sociais e defende a justiça social. Em oposição, pessoas relacionadas à direita política defendem posicionamentos que mantêm a hierarquização social e, por isso, tendem a não concordar com uma dinâmica social igualitária.

Para isso, entendendo as diferentes ideologias que marcam a identidade política, diversos estudos retratam a relação entre altos índices de SDO e posicionamentos políticos alinhados à direita, consistentes com ideias desigualitárias e conservadoras (Pratto et al., 1994; Sirbu, 2017; Fernandes, 2017).

Consistentemente com estudos anteriores, foram formuladas as hipóteses de que:

H1: a identidade política apresenta relação direta com a SDO, ou seja, quanto mais à direita, maior será o nível de orientação à dominância social.

H2: a identidade política estabelece influência direta em relação ao sexismo, ou seja, quanto mais à direita o indivíduo se posicionar politicamente, maiores os índices de sexismo.

H3: a SDO atua mediando a relação entre identidade política e sexismo, isto é, quanto mais à direita, o indivíduo irá apresentar maior orientação à dominância social e, por conseguinte, maiores serão os índices de sexismo.

3. MÉTODO

O presente trabalho utiliza-se da pesquisa de ordem quantitativa. A pesquisa quantitativa é uma abordagem metodológica na qual dados são coletados e analisados para identificar padrões, tendências e relações entre variáveis (Creswell, 2014). Assim, ela envolve a utilização de métodos estatísticos e técnicas de análise para investigar fenômenos de forma objetiva e sistemática. O foco principal da pesquisa quantitativa é a mensuração e quantificação de variáveis preestabelecidas.

Ademais, este estudo utilizou a pesquisa descritiva e correlacional. Segundo Neuman (2014), a pesquisa descritiva se dá por meio da descrição das características de indivíduos, situações ou grupos, e tem como objetivo identificar as relações entre variáveis. Nessa

perspectiva descritiva, a pesquisa correlacional explora e investiga as relações que possivelmente existem entre variáveis.

3.1 PARTICIPANTES

Estimou-se como amostra a participação de 132, tendo como base um poder de 95%, tamanho de efeito de $f^2 = 0,10$, ao nível de significância de 5%, para um teste de regressão múltipla com 2 preditores. Porém, alcançamos uma amostra superior, contando com 152 pessoas, sendo 64,5% mulheres, 34,2% homens e 1,3% não-binárias, com idade variando entre 18 e 78 anos ($M = 32,21$; $DP = 14,01$). O nível de escolaridade variou de ensino médio incompleto até o nível de pós-graduação, com a maior parcela da amostra concentrada em superior incompleto (33,7%), superior completo (23%) e pós-graduação completa (23%). A renda variou de nenhum salário até acima de 16 salários mínimos, com maior parcela da amostra relatando possuir nenhuma renda (22,4%) e entre 1 a 4 salários mínimos (18,4%).

3.2 INSTRUMENTOS

Inventário de Sexismo Ambivalente: foi utilizada a versão validada e traduzida para o português (Ferreira, 2004) do Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996). Composto por 22 afirmativas, o inventário avalia atitudes de preconceito frente às duas dimensões do sexismo: hostil (11 itens) e benevolente (11 itens). Foi aplicado por meio da escala Likert de 6 pontos, variando de “discordo fortemente” (1) a “concordo fortemente” (6). A medida de sexismo benevolente apresentou consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,93$), similarmente à medida de sexismo hostil que também apresentou índice de confiabilidade adequado ($\alpha = 0,98$).

Escala de Orientação à Dominância Social (SDO): foi aplicada a versão reduzida e traduzida para o português (Vilanova et al., 2022) da Escala de Orientação à Dominância Social (Ho et al., 2015). A SDO reduzida é composta por 8 itens associados a uma escala Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). A medida apresentou consistência interna satisfatória no presente estudo ($\alpha = 0,96$).

Questionário sociodemográfico: foram solicitadas informações de caráter

sociodemográfico (idade, gênero, nível de escolaridade e renda) e foi utilizada uma medida de item único para avaliar a identidade política, variando de 1 (extrema-esquerda) a 5 (extrema-direita). Ressalta-se que medidas de item político para avaliar a identidade política tem sido utilizada em alguns estudos brasileiros apresentando bom potencial preditivo (Galli & Modesto, 2021; Modesto, et al., 2020).

3.3 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados foi integralmente conduzida online, por meio de um questionário aplicado na plataforma Google Forms. A divulgação do link foi feita através de redes sociais. Caso optasse por participar do estudo, o indivíduo primeiramente deveria ler e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e em seguida responder ao questionário sociodemográfico, depois à SDO e por fim ao Inventário de Sexismo Ambivalente. A presente pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da instituição (número do parecer: 5.703.097)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro lugar, com a finalidade de verificar a relação entre identidade política, orientação à dominância social e sexismo ambivalente, foi conduzido um teste de correlação de Pearson. Os resultados encontrados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Coeficiente de Correlação e Nível de Significância entre Identidade Política, Orientação à Dominância Social, Sexismo Benevolente e Sexismo Hostil

		Identidade política	SDO	Sexismo benevolente	Sexismo hostil
Identidade política	Correlação de Pearson	1	0,76*	0,72*	0,73*
SDO	Correlação de Pearson	0,76*	1	0,87*	0,89*
Sexismo benevolente	Correlação de Pearson	0,72*	0,87*	1	0,89*
Sexismo hostil	Correlação de Pearson	0,73*	0,89*	0,89*	1

Nota. SDO = orientação à dominância social, Identidade política: maiores valores indicam uma posição mais à direita. * $p < 0,001$.

Conforme evidenciado na Tabela 1, é possível verificar que a identidade política teve relação positiva com a orientação à dominância social e com ambas as formas de sexismo. Ademais, percebe-se que a orientação à dominância social também apresentou relação positiva com os sexismos benevolente e hostil. Tais resultados sugerem que, quanto mais à direita os indivíduos se identificaram no espectro político, maiores serão o nível de orientação à dominância social e os índices de sexismo, bem como evidencia-se que quanto maiores os índices de SDO maiores os índices de ambas as formas de sexismo.

Em seguida, tendo em vista o objetivo principal desta pesquisa de verificar as relações

entre identidade política, sexismo ambivalente e orientação à dominância social, testou-se a hipótese de que a SDO pode mediar a relação entre a identidade política e o sexismo por meio de duas análises de mediação diferentes envolvendo o sexismo benevolente e o hostil.

O primeiro modelo de mediação testado incluiu o sexismo benevolente como variável dependente e os resultados, identificados por meio do Modelo 4 do PROCESS do SPSS, podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 - Modelo de mediação para seximo benevolente

Variável dependente	Parâmetros do modelo
SDO	Identidade política: $B = 1,26$, $t(151) = 14,21$, $p < 0,001$ (LIIC: 1,08; LSIC: 1,43) $R^2 = 0,57$
Sexismo Benevolente	Identidade política: $B = 0,20$, $t(151) = 2,54$, $p = 0,0119$ (LIIC: 0,04; LSIC: 0,35) SDO: $B = 0,58$, $t(151) = 12,49$, $p < 0,001$ (LIIC: 0,49; LSIC: 0,67) $R^2 = 0,77$

Nota. Efeito indireto: $B = 0,73$, Boot SE = 0,09; BootLIIC = 0,55; BootLSIC = 0,90

Conforme descrito na Tabela 2, é possível verificar que a identidade política prediz a orientação à dominância social. De forma similar, tanto a identidade política quanto a orientação à dominância social predizem o sexismo benevolente. Tais resultados corroboram com as hipóteses do modelo de mediação e sugerem que a identidade política mais à direita

influencia positivamente a SDO, bem como a identidade política mais à direita também contribui com os índices de sexismo benevolente. Adicionalmente, a SDO influencia positivamente os índices de sexismo benevolente, podendo se caracterizar como uma mediação.

Tabela 3 - Modelo de mediação para sexismo hostil

Variável dependente	Parâmetros do modelo
SDO	Identidade política: B = 1,26, t (151) = 14,21, p <0,001 (LIIC: 1,08; LSIC: 1,43) R ² = 0,57
Sexismo Hostil	Identidade política: B = 0,20, t (151) = 2,56, p = 0,0116 (LIIC: 0,04; LSIC: 0,36) SDO: B = 0,65, t (151) = 13,82, p < 0,001 (LIIC: 0,56; LSIC: 0,74) R ² = 0,80

Nota. Efeito indireto: B = 0,81, Boot SE = 0,12; BootLIIC = 0,57; BootLSIC = 1,05

Em seguida, repetiu-se o teste de mediação para a variável sexismo hostil e, como visualizado na Tabela 3, os resultados encontrados demonstram o mesmo padrão que o sexismo benevolente. Desse modo, verifica-se que a identidade política mais à direita influencia positivamente a SDO, de forma similar, a identidade política mais à direita também contribui com os índices de sexismo hostil. Além disso, foi possível averiguar que a SDO se

caracteriza como mediador, pois interfere na relação entre identidade política e sexismo hostil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)

O presente estudo teve como objetivo investigar as relações entre identidade política, orientação à dominância social (SDO) e sexismo ambivalente. Adicionalmente, buscou-se avaliar a SDO como mediadora entre identidade política e as dimensões do sexismo.

Como descrito nos resultados, a identidade política apresentou relação positiva com a SDO. Esse resultado corrobora com a primeira hipótese desse estudo de que quanto mais à direita política o indivíduo se identifica, maior é seu nível de SDO. A relação encontrada entre essas variáveis é condizente com estudos prévios (Sidanius & Pratto, 1999; Jost et al., 2003; Ho et al., 2015), em que a autocategorização na direita política foi usada para prever níveis de orientação à dominação social, indicando que indivíduos mais alinhados à direita tendem a defender as desigualdades sociais como inerentes à condição humana e, por tal motivo, acreditam na legitimidade de um grupo dominante que subordina os demais (Vilanova et al., 2022).

Em relação ao sexismo, os resultados encontrados confirmaram a segunda hipótese de pesquisa ao demonstrarem a relação positiva entre a identidade política e ambas as formas de sexismo. Nesse sentido, quanto mais à direita política o participante se identificava, maiores os índices de sexismo benevolente e sexismo hostil. Tais ideias corroboram com a literatura existente de que indivíduos com ideias mais conservadoras e alinhados à direita tendem a promover atitudes sexistas que deslegitimam as mulheres e as colocam em posição de inferioridade em relação aos homens (Belo et al., 2005; Christopher & Mull, 2006; Christopher & Wojda, 2008; Rollero et al., 2019).

Adicionalmente, foi analisada a mediação da SDO na relação entre identidade política e sexismo ambivalente e os resultados confirmaram a hipótese da SDO como variável mediadora. Nesse sentido, indivíduos que se identificam com a direita política, por apresentarem ideias conservadoras que endossam a manutenção das hierarquias sociais, demonstram altos níveis de SDO e, conseqüentemente, expressam altos índices de sexismo

ao defenderem as desigualdades e discriminações que sustentam a hierarquização social. Apesar de não termos encontrado literatura que aponte a SDO em um modelo de mediação com identidade política e sexismo ambivalente, o presente estudo reconhece a vasta contribuição teórica que relaciona diretamente SDO com ambas as formas de sexismo, uma vez que a dominação masculina atua reprimindo as mulheres por meio do sexismo hostil e subordinando-as pelo sexismo benevolente (Malatyalı et al., 2017; Christopher & Wojda, 2008; Glick et al., 2015; Rollero et al., 2019).

O presente trabalho possui algumas limitações. Primeiramente, é válido ressaltar que a amostra de participantes foi limitada a um contexto sociodemográfico com alta escolaridade. Investigações futuras devem ser estendidas para outros contextos, com objetivo de investigar a reprodutibilidade dos resultados em populações com níveis de escolaridade mais diversos. Além disso, este estudo não utilizou instrumentos que verificam níveis de conservadorismo. A literatura atual demonstra relações significativas entre conservadorismo e SDO (Christopher & Mull, 2006; Rollero et al., 2019) e, nessa perspectiva, futuros estudos podem se beneficiar ao inserir medidas de conservadorismo para compreender suas relações com sexismo, identidade política e orientação à dominância social.

Apesar das limitações citadas, a presente pesquisa contribuiu para o entendimento acerca da relação entre atitudes sexistas e manutenção das hierarquias sociais ao propor um estudo que investigou as relações diretas entre identidade política, sexismo ambivalente e orientação à dominância social, mas também indicou a SDO como mediadora entre identidade política, sexismo hostil e sexismo benevolente.

REFERÊNCIAS

- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Boston: Addison-Wesley.
- Alves, N.F., Souza, L.E., Maia, L.M, Silva, R.N. & Gomes, A.A. (2021). A mulher no Facebook: uma análise a partir do Sexismo Ambivalente. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 44(1), 131-147. <https://doi.org/10.1590/1809-5844202116>
- Bandeira, L., & Batista, A. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, 10(1),119-141.
- Barlow, F., & Sibley, C. (2018). *The Cambridge Handbook of the Psychology of Prejudice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barreto, M., & Ellemers, N. (2005). The burden of benevolent sexism: How it contributes to the maintenance of gender inequalities. *European Journal of Social Psychology*, 35(5), 633-642. <https://doi.org/10.1002/ejsp.270>
- Belo, R.P., Gouveia, V.V., Raymundo, J.S., & Marques, C.M. (2005). Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 7-15. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100003>
- Camino, L., Silva, P., Machado, A., Pereira, C. (2001). A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 1(1), 13-36.
- Cantal, C., Milfont, T. L., Wilson, M. S., & Gouveia, V. V. (2015). Differential effects of right-wing authoritarianism and social dominance orientation on dimensions of generalized prejudice in Brazil. *European Journal of Personality*, 29(1), 17-27. <https://doi.org/10.1002/per.1978>
- Christopher, A.N., & Wojda, M.R. (2008). Social Dominance Orientation, Right-Wing Authoritarianism, Sexism, and Prejudice Toward Women in the Workforce. *Psychology of Women Quarterly*, 32(3), 65-73. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00407.x>
- Christopher, A.N., & Mull, M.S. (2006). Conservative Ideology and Ambivalent Sexism. *Psychology of Women Quarterly*,30(2), 223-230. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00284.x>
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage Publications.
- Farias, A., Carvalho, M.G., & Barroso, M.L. (2021). Preconceito e discriminação: Um estudo sobre as principais vertentes da violência de gênero. *Amadeus International Multidisciplinary Journal*, 10(5), 20-36.
- Fernandes, S. (2017). Sentimentos em relação à política à luz dos valores e do preconceito social. *Opinião Pública*, 15(1), 224-246.
- Fernandes, S., Costa, J., Camino, L., & Mendonza, R. (2007). Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 490-498. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300017>
- Ferreira, M.C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, 12(2), 119-126.
- Fiske, S.T. (1998). *Stereotyping, prejudice and discrimination*. New York: McGraw-Hill.
- Formiga, N.S., Golveia, V.V, & Santos, M.N. (2002). Inventário do sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 103-111.

- <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Galli, L.M., & Modesto, J.G. (2021). A Influência das Crenças Conspiratórias e Orientação Política na Vacinação. *Revista de Psicologia da IMED*, 13(1), 179-193. doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.4491>.
- Garaigordobil M, & Aliri J. (2011). Intergenerational connection of sexism: influence of family variables. *Psicothema*, 23(3), 382-387.
- Giger, J.C., Ramos, A.O., Gonçalves, G., Santos, J., & Gomes, A. (2015). Evidências métricas da adaptação da Escala de Dominância Social numa amostra portuguesa. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 143-151.
- Glick, P. (1991). Trait-based and sex-based discrimination in occupational prestige, occupational salary, and hiring. *Sex Roles*, 25, 351-378. <https://doi.org/10.1007/BF00289761>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1999). The ambivalence toward men inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23(3), 519–536. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1999.tb00379.x>
- Glick, P., & Fiske, S.T. (2001). An ambivalent alliance. Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109–118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Glick, P., & Fiske, S.T. (2011). Ambivalent Sexism Revisited. *Psychology of Women Quarterly*, 35(3) 530-535. <https://doi.org/10.1177/0361684311414832>
- Glick, P., Fiske, S.T., & Connor, R. (2017). Ambivalent sexism in the 21st century. *The Cambridge handbook of the psychology of prejudice*, 295-320. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.013>
- Glick, P., Wilkerson, M., & Cuffe, M. (2015). Masculine identity, ambivalent sexism, and attitudes toward gender subtypes: Favoring masculine men and feminine women. *Social Psychology*, 46(4), 210–217. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000228>
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., Foels, R. & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO₇ scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1003-1028. <https://doi.org/10.1037/pspi0000033>
- Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3), 339–375. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339>
- Koenig, A. M., & Eagly, A. H. (2014). Evidence for the social role theory of stereotype content: Observations of groups' roles shape stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107(3), 371–392. <https://doi.org/10.1037/a0037215>
- Malatyali, M. K., Kaynak, B. D., & Hasta, D. (2017). A social dominance theory perspective on attitudes toward girl child marriages in turkey: The legitimizing role of ambivalent sexism. *Sex Roles*, 77(9), 687–696. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0750-2>
- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M.A. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade*, 20(3), 554-567. doi:10.1590/S0104-12902011000300003
- Modesto, J.G., Zacarias, D.O., Galli, L.M., & Neiva, B.A. (2020). COVID-19 and attitudes

- toward social isolation: The role of political orientation, morality and fake news. *Estudos da Psicologia (Natal)*, 25(2), 124-132. <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20200013>
- Neuman, W. L. (2014). *Social research methods: Qualitative and quantitative approaches*. Pearson.
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2019). What is Violence? The Role of Sexism and Social Dominance Orientation in Recognizing Violence Against Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-18. <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sidanius, J., & Pratto, F. (2004). *Social dominance theory: A new synthesis*. New York: Psychologist Press.
- Sidanius, J., Pratto, F., & Levin, S. (2006). Social Dominance Theory and the Dynamics of Intergroup Relations: Taking Stock and Looking Forward. *European Review of Social Psychology*, 17, 271-320. <http://dx.doi.org/10.1080/10463280601055772>
- Sidanius, J., Pratto, F., Lui, J., Levin, S., Shih, M., Bachrach, H., & Hegarty, P. (2000). Social dominance and the legitimization of inequality across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31(3), 369-409. <https://doi.org/10.1177/0022022100031003005>
- Sidanius, J., Pratto, F., Stallworth, L. M., & Malle, B. J. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741-763. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>
- Sidanius, J., Pratto, F., Stallworth, L. M., & Siers, B. (1997). The gender gap in occupational role attainment: A social dominance approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(1), 37-53. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.1.37>
- Sirbu, A. (2017). *Empatia, Personalidade e Imagens Sociais sobre Jovens em Acolhimento Residencial: o papel mediador da Dominância Social*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S., Duarte, M., & Costa, B. A. (2022). Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Psico-Uf*, 27(3), 437-449. doi:10.1590/1413-82712024270303
- Wachelke, J., & Matos, F.R. (2018). Hierárquicos, igualitários e contraditórios: posição social de adolescentes e orientação para a dominância social. *Psico*, 50(4), 1-14. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.33939>
- Wachelke, J., & Hammes, I. (2009). Representações sociais sobre política segundo posicionamento político na campanha eleitoral de 2006. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 519-528.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.

ANEXO

Inventário do Sexismo Ambivalente

1. Não importa o quanto seja realizado, o homem não é verdadeiramente homem se não tiver o amor de uma mulher
 2. Muitas mulheres, com a desculpa de buscarem igualdade, estão querendo favores especiais
 3. Num desastre, as mulheres devem ser salvas antes dos homens
 4. A maioria das mulheres interpreta observações ou atos inocentes como discriminatórios
 5. As mulheres se ofendem muito facilmente
 6. As pessoas não conseguem ser totalmente felizes na vida se não estiverem envolvidas romanticamente com uma pessoa do sexo oposto
 7. As feministas estão querendo que as mulheres tenham mais poder que os homens
 8. Muitas mulheres têm uma pureza que poucos homens possuem
 9. As mulheres devem ser amadas e protegidas pelos homens
 10. A maioria das mulheres não avaliam plenamente tudo que os homens fazem por elas
 11. As mulheres querem obter poder para exercer controle sobre os homens
 12. Todo homem deve ter uma mulher que ele adore
 13. Os homens não são totalmente completos sem as mulheres
 14. As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho
 15. Quando uma mulher conquista um homem ela costuma mantê-lo sob rédea curta
 16. Quando as mulheres perdem para os homens numa competição justa, elas em geral se queixam de ter sido discriminadas
 17. Uma boa mulher deve ser colocada num pedestal pelo seu homem
 18. As mulheres gostam de provocar os homens, parecendo estar disponíveis para depois recusar os convites masculinos
 19. As mulheres costumam ter mais sensibilidade moral que os homens
 20. O homem deve estar disposto a fazer sacrifícios para satisfazer as necessidades financeiras de sua mulher
 21. As exigências que as feministas fazem aos homens costumam ser absurdas
 22. As mulheres costumam ter mais bom gosto e uma cultura mais refinada que os homens
-

Escala de Orientação à Dominância Social - 7

1. Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade
 2. Nosso objetivo principal não deveria ser a igualdade entre os grupos
 3. Nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade
 4. É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais
 5. Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade
 6. O princípio de que um grupo deve dominar outro é ruim
 7. Não importa quanto esforço seja necessário, nós devemos nos esforçar para assegurar que todos os grupos tenham as mesmas chances na vida.
 8. Nosso ideal deveria ser a igualdade entre grupos
-